MOSAICO
MEMÓRIA, OPRESSÕES, SUBALTERNIDADES, ASSIMETRIAS E INTERSECCIONALIDADES

CECH
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UEFS

PPGH
UEFS

PPGEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SEMINÁRIO ABERTO DO GRUPO MOSAICO

Ricœur e o reconhecimento de si

Brian Kibuuka

24 de novembro de 2026 · 8h às 9h (Brasília)

Quem fala quando alguém diz “eu posso”?

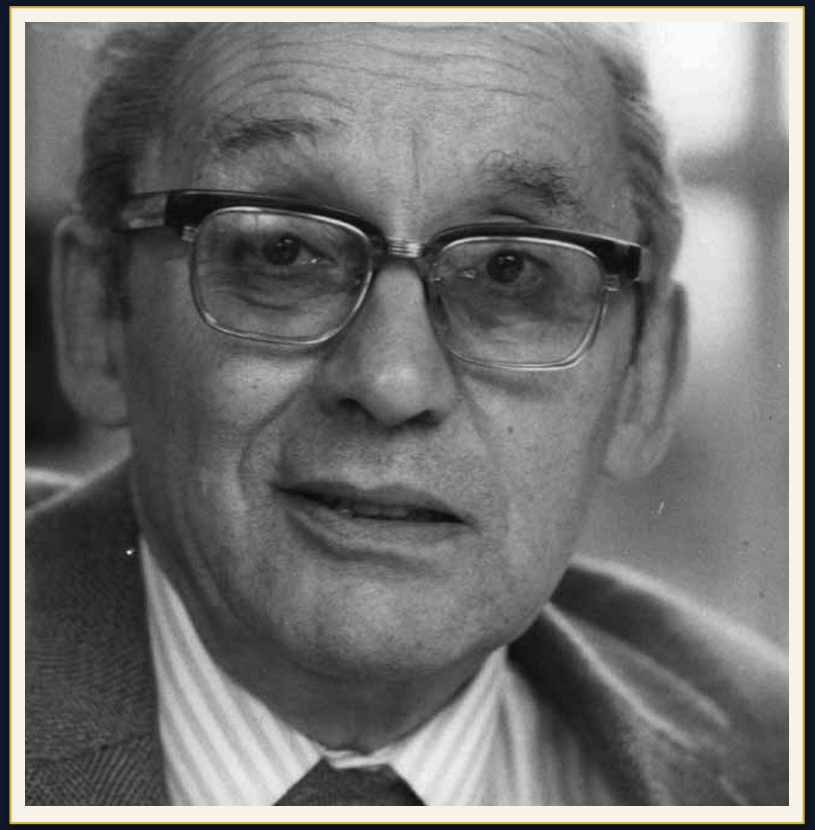
8h–8h40 · exposição e leitura / 8h40–9h · debate



Paul Ricœur · Archives du Fonds Ricœur

Paul Ricœur, filósofo francês

1913–2005



Paul Ricœur. Archives du Fonds Ricœur.

1913 — Nasce em Valence. Cresce em Rennes e estuda filosofia em Rennes e Paris.

1940–1945 — No cativeiro de guerra, estuda Jaspers e traduz Husserl.

Pós-guerra — Ensina em Estrasburgo, na Sorbonne, em Nanterre e em Chicago.

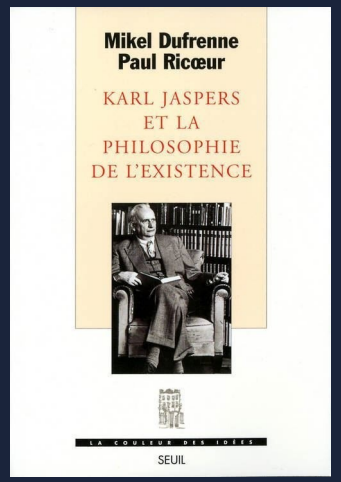
2004–2005 — Publica Parcours de la reconnaissance em 2004. Morre em 2005.

Fonds Ricœur, “Paul Ricœur (1913–2005)”, s.d.

Existência e vontade

Como a liberdade se exerce em um corpo que já tem limites?

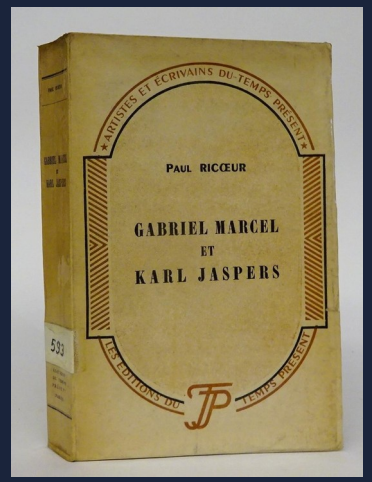
1947



Karl Jaspers et la philosophie de l'existence

Com Mikel Dufrenne

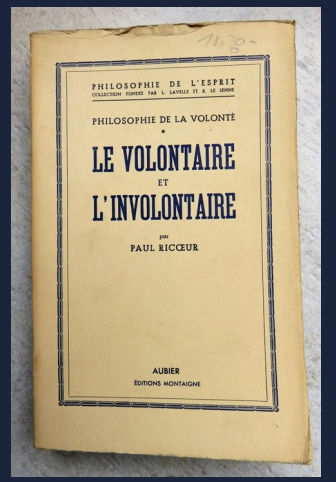
1948



Gabriel Marcel et Karl Jaspers

Mistério e paradoxo

1949



Le volontaire et l'involontaire

Philosophie de la volonté, I

Capas de edições originais ou posteriores.

Experiência e história

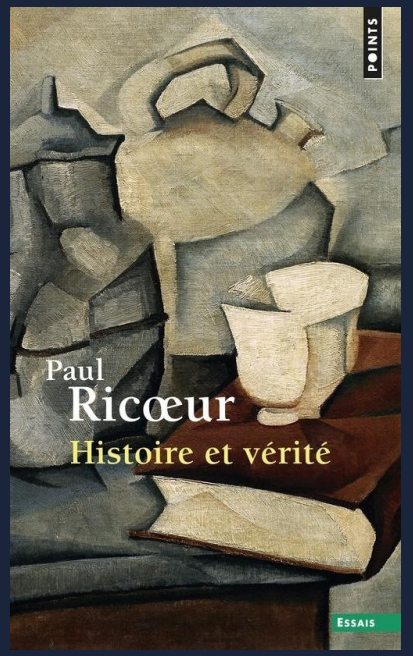
Que relação há entre descrever o vivido e interpretar um acontecimento?



1950

Idées directrices pour une phénoménologie

Husserl, traduzido por Ricœur



1955

Histoire et vérité

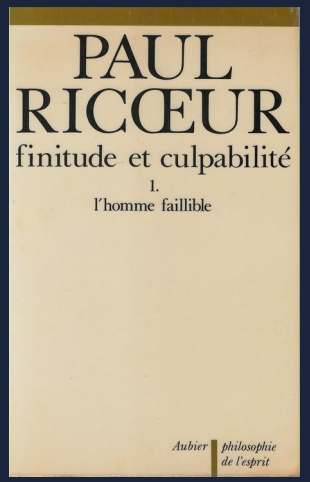
História e compromisso

Capas de edições originais ou posteriores.

Falibilidade e símbolos

Como interpretar a experiência da culpa?

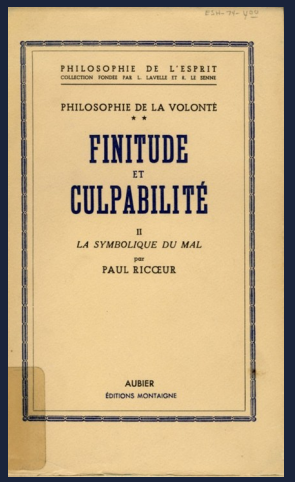
1960



L'homme faillible

Finitude et culpabilité, 1

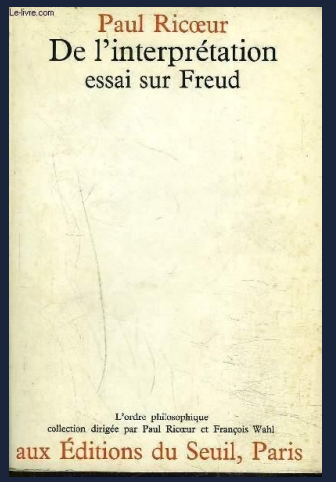
1960



La symbolique du mal

Finitude et culpabilité, 2

1965



De l'interprétation

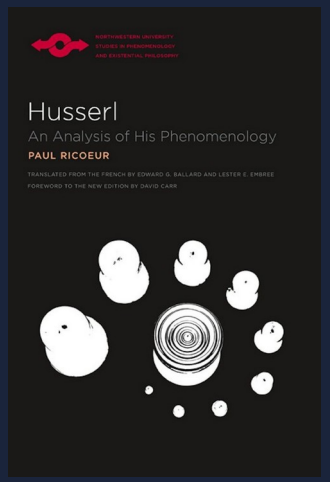
Essai sur Freud

Capas de edições originais ou posteriores.

Métodos de interpretação

O que muda quando o interlocutor ou o método muda?

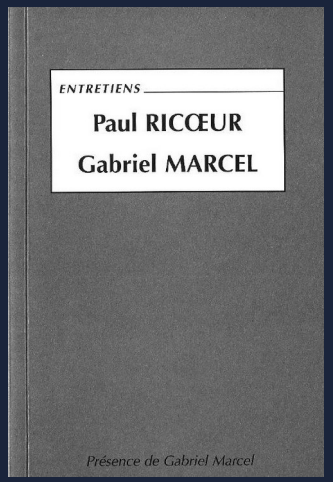
1967



Husserl

An Analysis of His Phenomenology

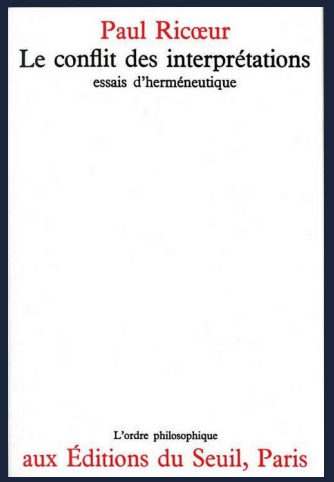
1968



Entretiens

Com Gabriel Marcel

1969



Le conflit des interprétations

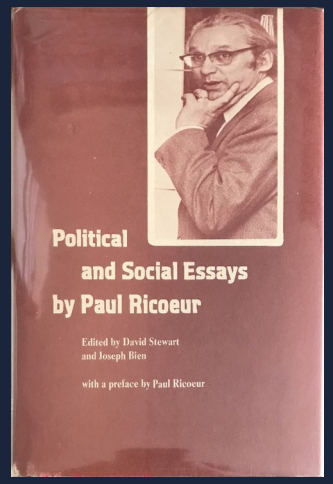
Ensaios de hermenêutica

Capas de edições originais ou posteriores.

A linguagem em uso

Como um enunciado produz novos sentidos?

1974



Political and Social Essays

Org. D. Stewart e J. Bien

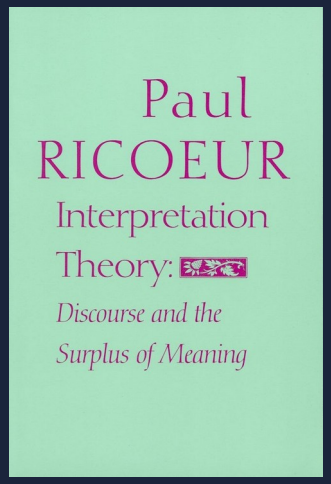
1975



La métaphore vive

A inovação de sentido

1976



Interpretation Theory

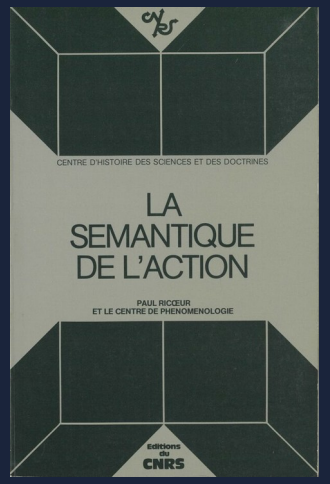
Discourse and the Surplus of Meaning

Capas de edições originais ou posteriores.

A ação e seus textos

O que uma ação, uma coletânea e uma parábola pedem ao leitor?

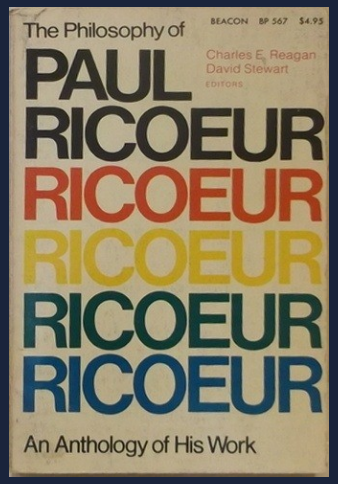
1977



Le discours de l'action

Estudo em La sémantique de l'action

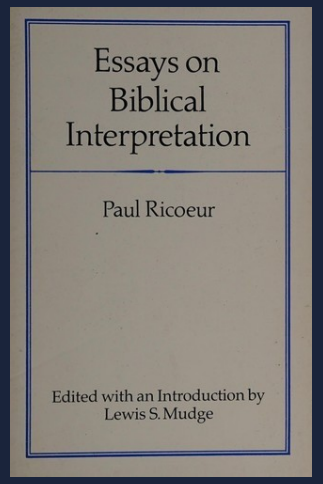
1978



The Philosophy of Paul Ricoeur

Antologia de C. Reagan e D. Stewart

1980



Essays on Biblical Interpretation

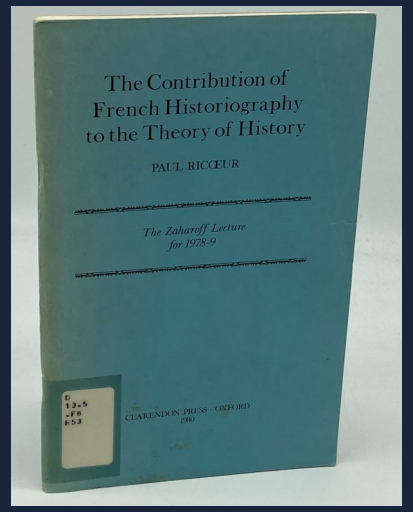
Org. Lewis S. Mudge

Capas de edições originais ou posteriores.

História e interpretação

Como transformar um testemunho em conhecimento histórico?

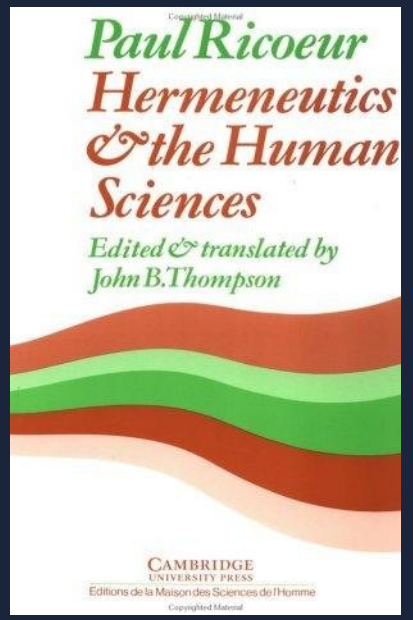
1980



The Contribution of French Historiography to the Theory of History

Conferência de Oxford

1981



Hermeneutics and the Human Sciences

Org. John B. Thompson

Capas de edições originais ou posteriores.

A trilogia do tempo

Como a narrativa torna o tempo humano inteligível?

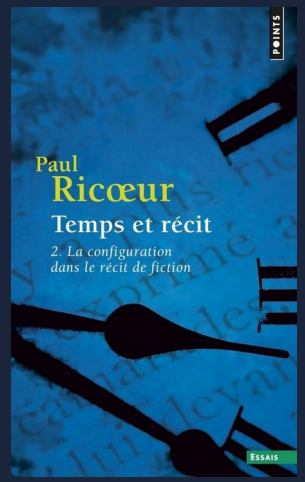
1983



Temps et récit, I

A intriga e a narrativa histórica

1984



Temps et récit, II

O tempo na narrativa de ficção

1985



Temps et récit, III

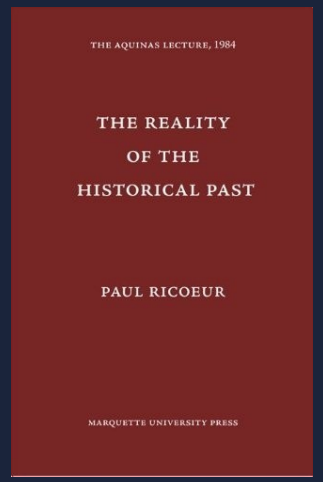
Le temps raconté

Capas de edições originais ou posteriores.

O passado e o possível

Como distinguir o que aconteceu daquilo que podemos imaginar?

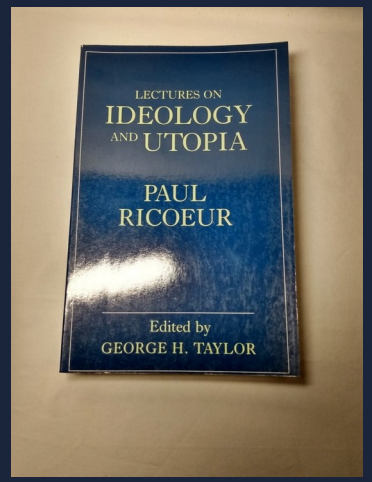
1984



The Reality of the Historical Past

Conferência da Marquette University

1986



Lectures on Ideology and Utopia

Em francês, L’idéologie et l’utopie (1997)

1986



Du texte à l’action

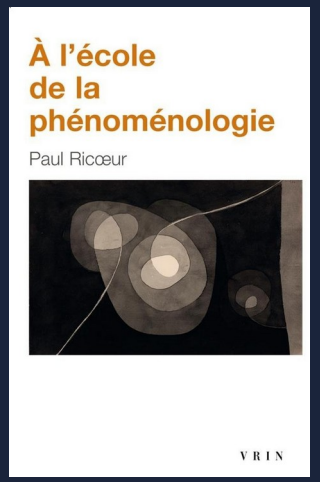
Essais d’herméneutique II

Capas de edições originais ou posteriores.

Do vivido ao si

Como pensar quem age e quem sofre?

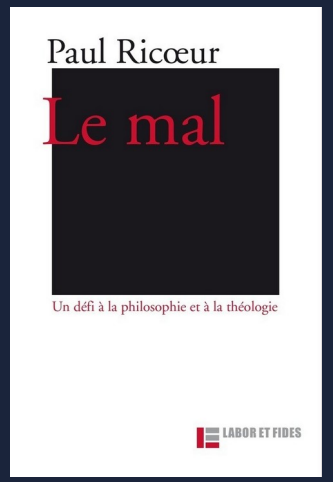
1986



À l'école de la phénoménologie

Ensaios fenomenológicos

1986



Le mal

Filosofia e teologia

1990



Soi-même comme un autre

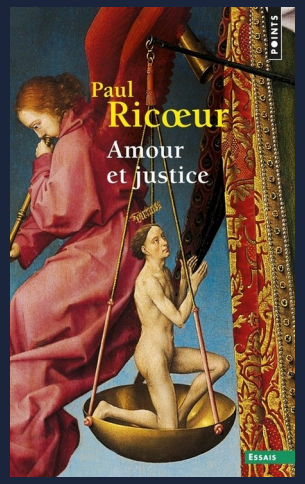
Quem é o sujeito da ação?

Capas de edições originais ou posteriores.

Justiça e política

O que se deve ao próximo e ao terceiro desconhecido?

1990



Amour et justice

Amor e medida do justo

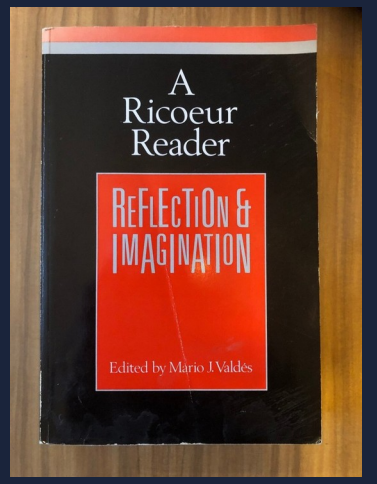
1991



Lectures 1

Autour du politique

1991



A Ricoeur Reader

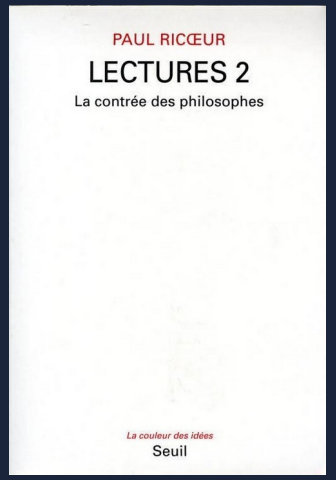
Org. Mario J. Valdés

Capas de edições originais ou posteriores.

A leitura e a reflexão

Como um filósofo lê outros autores e narra o próprio percurso?

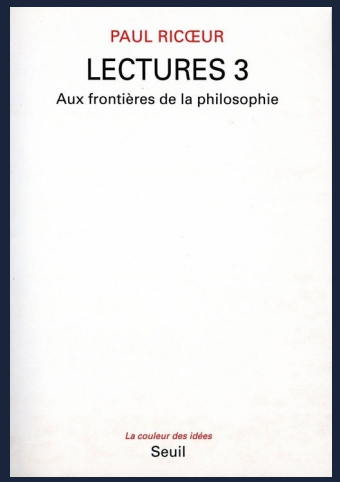
1992



Lectures 2

La contrée des philosophes

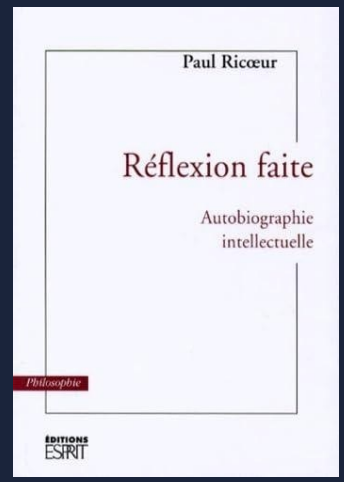
1994



Lectures 3

Aux frontières de la philosophie

1995



Réflexion faite

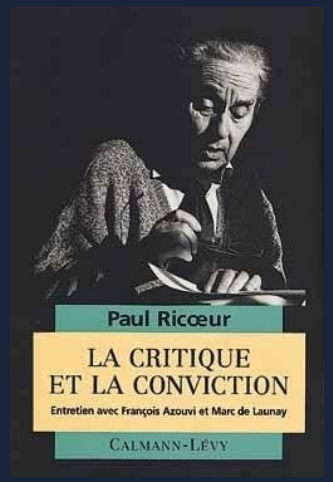
Autobiographie intellectuelle

Capas de edições originais ou posteriores.

Convicção e juízo

Qual a diferença entre uma convicção, uma sentença e uma leitura religiosa?

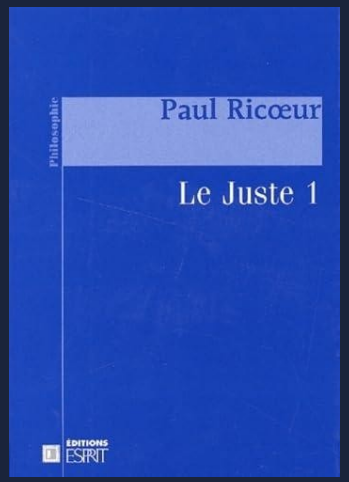
1995



La critique et la conviction

Entrevistas com F. Azouvi e M. de Launay

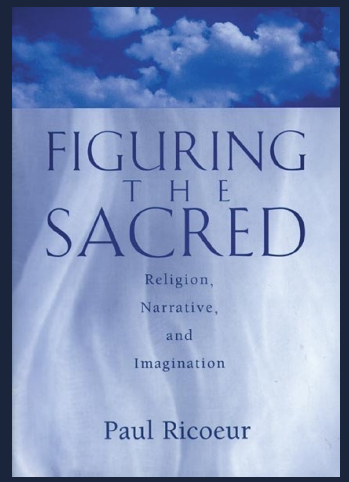
1995



Le Juste

A decisão e a instituição judiciária

1995



Figuring the Sacred

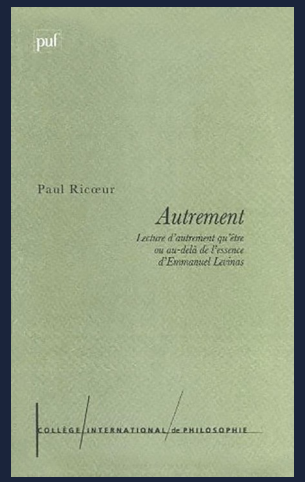
Org. Mark I. Wallace

Capas de edições originais ou posteriores.

Encontros intelectuais

Que perguntas nascem da leitura de um interlocutor?

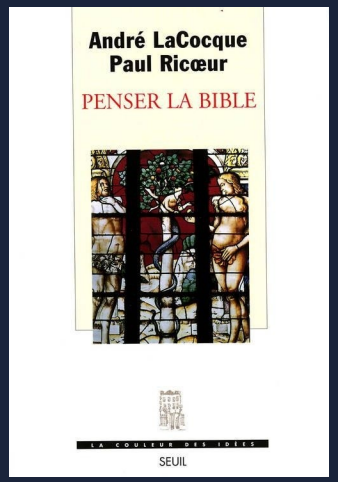
1997



Autrement

Leitura de Emmanuel Levinas

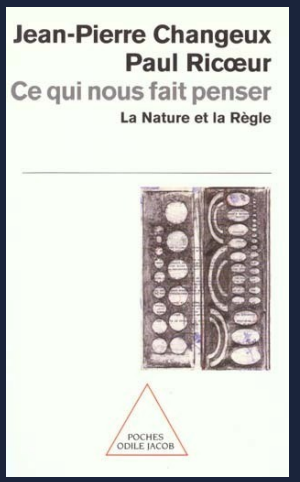
1998



Penser la Bible

Com André LaCocque

1998



Ce qui nous fait penser

Com Jean-Pierre Changeux

Capas de edições originais ou posteriores.

A memória e o singular

Como uma lembrança pode referir-se a um passado real?

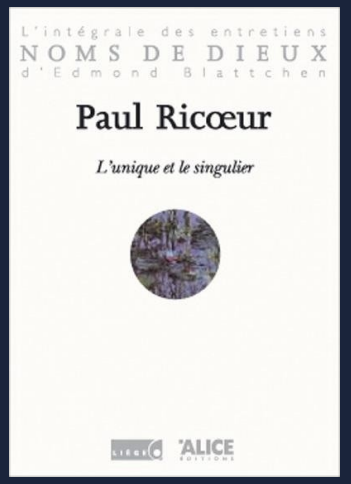
1998



Das Rätsel der Vergangenheit

Memória, esquecimento e perdão

1999



L'unique et le singulier

Entrevista a Edmond Blattchen

2000



La mémoire, l'histoire, l'oubli

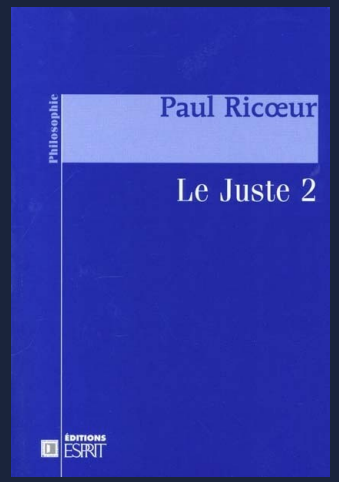
Memória e operação histórica

Capas de edições originais ou posteriores.

Julgar e interpretar

Como comunidades religiosas e políticas examinam sua experiência?

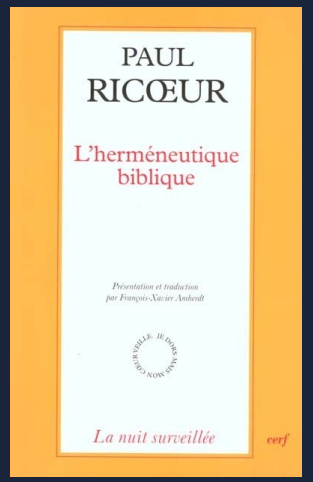
2001



Le Juste 2

Responsabilidade e julgamento

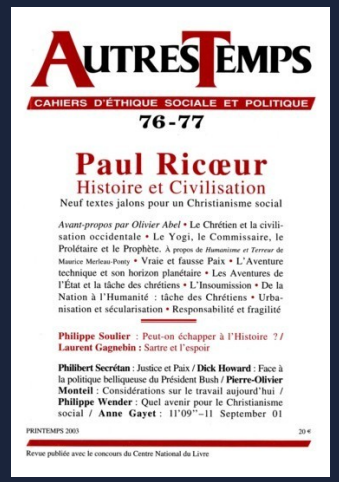
2001



L'herméneutique biblique

Org. François-Xavier Amherdt

2003



Histoire et civilisation

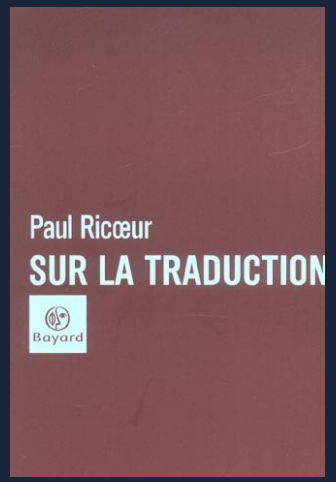
Dossiê de Autres Temps, n. 76–77

Capas de edições originais ou posteriores.

O reconhecimento

Como passar da familiaridade com algo ao reconhecimento de alguém?

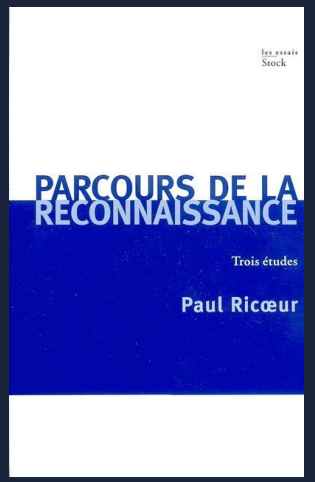
2003



Sur la traduction

Hospitalidade linguística

2004



Parcours de la reconnaissance

Trois études

2004



La lutte pour la reconnaissance et l'économie du don

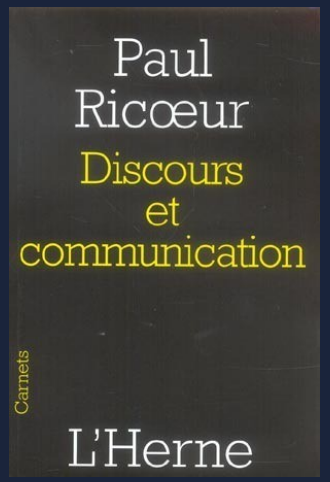
Conferência da UNESCO, 2002

UNESCO · Folha de rosto da conferência de Ricœur.

O discurso e o sofrimento

O que podemos dizer quando uma instituição ou uma vida encontra seu limite?

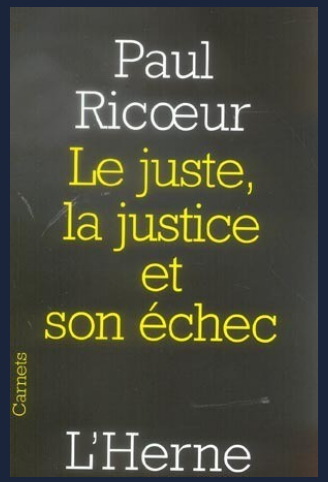
2005



Discours et communication

Cadernos de L'Herne

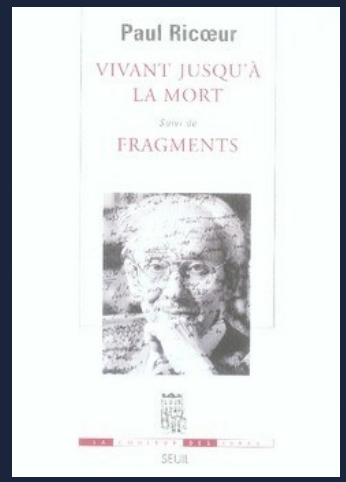
2005



Le juste, la justice et son échec

Cadernos de L'Herne

2007



Vivant jusqu'à la mort

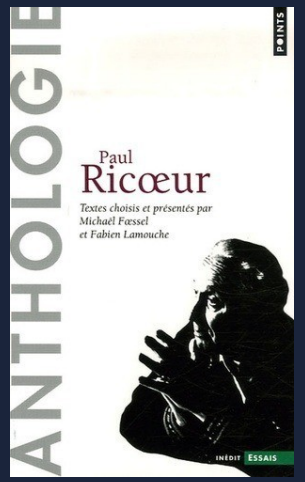
Suivi de Fragments

Capas de edições originais ou posteriores.

Edições póstumas

Como textos dispersos ganham uma nova organização?

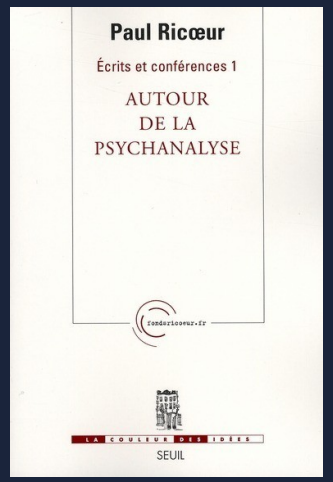
2007



Anthologie

Org. M. Foessel e F. Lamouche

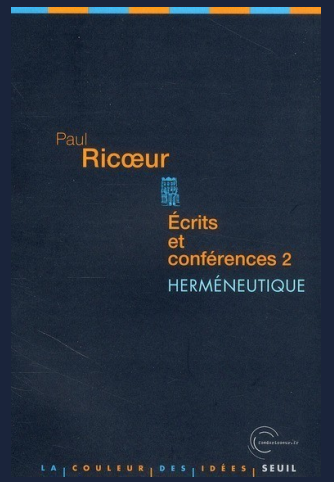
2008



Autour de la psychanalyse

Écrits et conférences 1

2010



Herméneutique

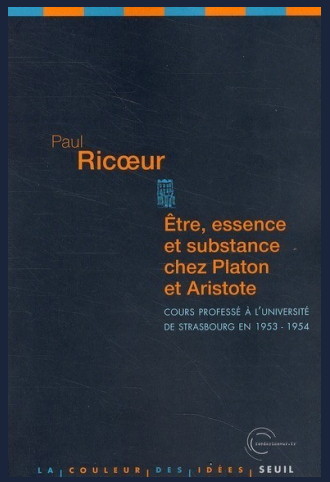
Écrits et conférences 2

Capas de edições originais ou posteriores.

Antiguidade e antropologia

Que perguntas reaparecem quando se editam os cursos e os ensaios?

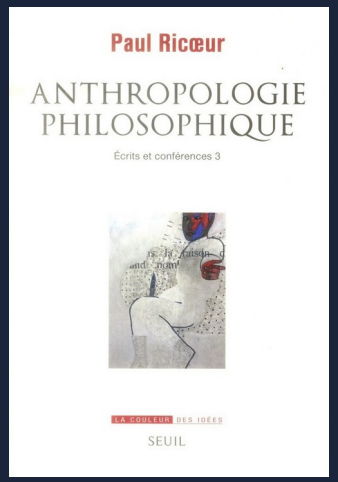
2011



Être, essence et substance chez Platon et Aristote

Curso de 1953–54, reedição Seuil

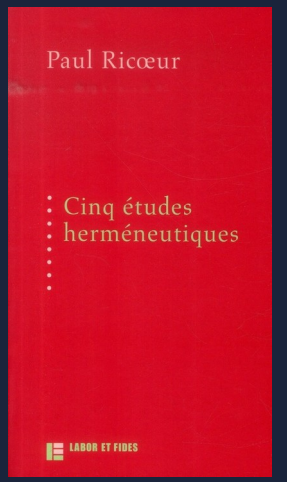
2013



Anthropologie philosophique

Écrits et conférences 3

2013



Cinq études herméneutiques

Textos de 1975 a 1991

Capas de edições originais ou posteriores.

A utopia e a reflexão

Que outros modos de viver uma comunidade consegue conceber?

2016



Dialogue sur l'histoire et l'imaginaire social

Com Cornelius Castoriadis

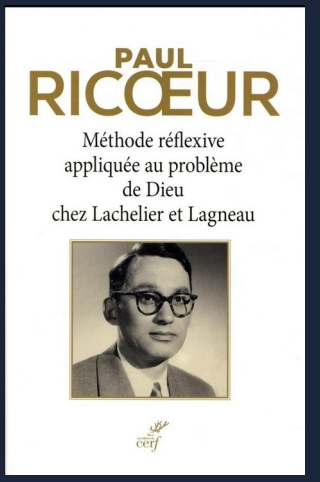
2016



Plaidoyer pour l'utopie ecclésiale

Conferência de 1967

2017



Méthode réflexive appliquée au problème de Dieu chez Lachelier et Lagneau

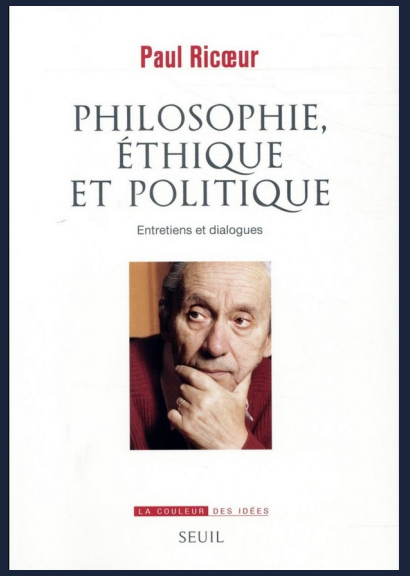
Trabalho de juventude

Capas de edições originais ou posteriores.

Falar de vida pública

Que diferença faz ler uma resposta oral ou um ensaio político?

2017



Philosophie, éthique et politique

Entretiens et dialogues

2019



Politique, économie et société

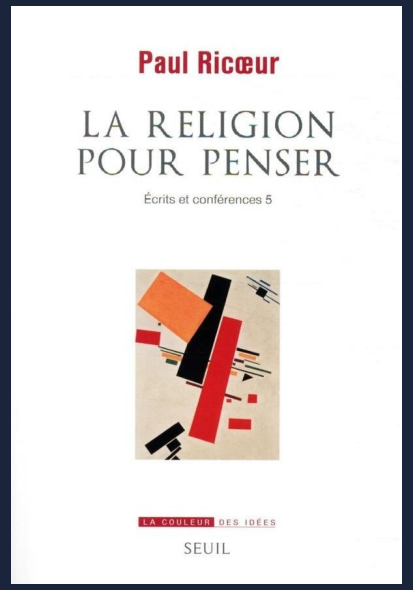
Écrits et conférences 4

Capas de edições originais ou posteriores.

Religião e imaginação

Como a imaginação nos permite experimentar novas possibilidades?

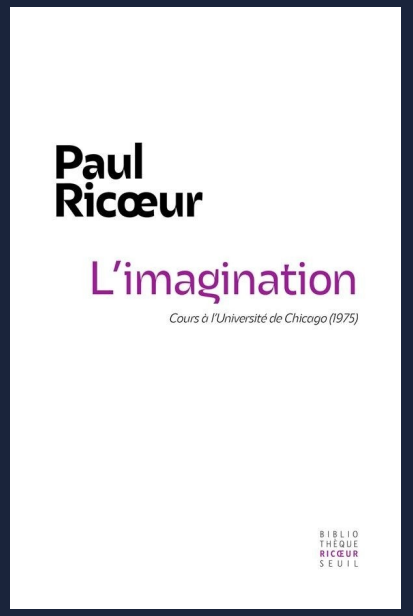
2021



La religion pour penser

Écrits et conférences 5

2024



L'imagination

Curso de Chicago, 1975

Capas de edições originais ou posteriores.

Como chegamos a compreender uma ação?

Fenomenologia	Descrever a experiência vivida. O que acontece quando hesito em agir?
Hermenêutica	Interpretar palavras, símbolos e ações. Que sentido ganha uma decisão que “pesa”?
Suspeita	Interrogar o sentido manifesto. Que motivo posso deixar de perceber no relato que faço?

A compreensão de si passa pelo que dizemos e fazemos.

Ricœur 1960, 323–332; 1965, livro I, cap. 2; 2004, 139–143.

Metáfora e narrativa produzem sentido

Metáfora viva

Uma expressão inesperada redescreve a experiência.

"A assinatura foi a dobradiça da assembleia."

Composição da intriga

Uma narrativa reúne acontecimentos dispersos numa ação inteligível.

A porta aberta adquire sentido quando sabemos quem entrou.

Uma frase redescreve uma experiência. Uma intriga dá forma a acontecimentos.

Ricœur 1975, estudo VII; 1983, 85–129.

Os três momentos da narrativa

01

Prefiguração

Já sabemos reconhecer ações, motivos, normas e circunstâncias.

02

Configuração

A intriga relaciona os acontecimentos e lhes dá uma ordem.

03

Refiguração

Ao ler, voltamos às práticas com outras possibilidades de compreensão.

O mundo da ação volta ao leitor transformado pelo relato.

Ricœur 1983, 87–129. Esquema didático a partir do capítulo sobre a tripla mímesis.

O que permanece quando alguém muda?

Mesmidade · *idem*

Reconhecemos traços relativamente duráveis.

“É a mesma letra de antes.”

Ipseidade · *ipse*

Alguém se mantém responsável por sua palavra através das mudanças.

“Você ainda pode contar comigo.”

A identidade narrativa articula permanência e mudança.

Ricœur 1990, 140–150, 167–180; 2004, 152–156, 189–193.

Da vida boa ao juízo sobre um caso

01

Intenção ética

Que vida desejo levar com os outros, em instituições justas?

02

Norma moral

A regra da minha ação pode valer para cada pessoa?

03

Sabedoria prática

Como julgar quando deveres legítimos entram em conflito?

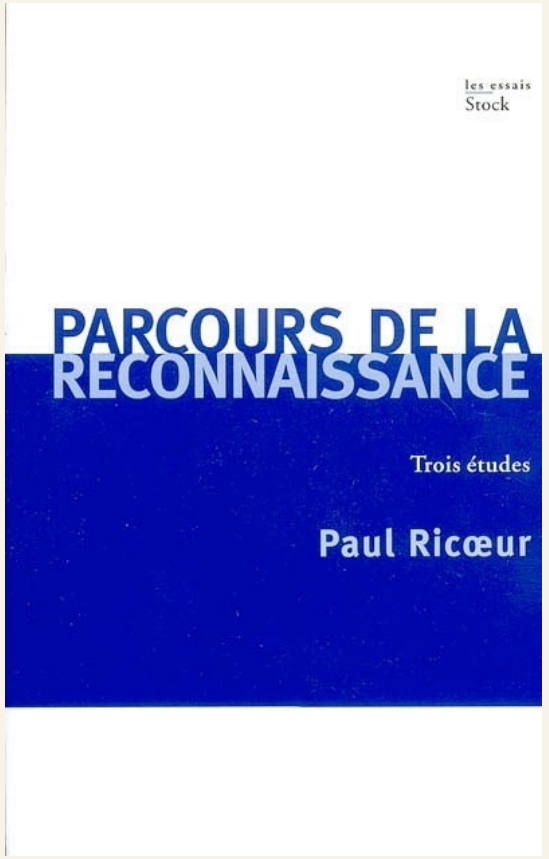
Julgar um ato exige considerar a norma e a singularidade do caso.

Ricœur 1990, 199–236, 237–278, 279–344.

O que significa reconhecer-se?

Parcours de la reconnaissance, 2004

Como passo de “isso aconteceu” a “reconheço que fui eu quem agiu”?



Ricœur 2004, 35–39, 109, 139–143, 357–360.

Três sentidos de reconhecer

01

Identificação

É este caderno. Reconheço a letra de quem o usou.

02

Reconhecimento de si

Fui eu quem fez esta anotação. Posso responder por ela.

03

Reconhecimento mútuo

Cada pessoa pode falar, ser ouvida e reconhecer a outra.

A pergunta muda conforme o lugar de quem reconhece.

Ricœur 2004, 35–39, 109, 219–227, 357–361.

Odisseu se faz reconhecer

O retorno a Ítaca

A cicatriz

Euricleia reconhece no corpo uma história que conhece.

O leito de oliveira

Penélope põe à prova uma lembrança compartilhada.

A casa de Ítaca

A restituição da identidade do senhor conserva hierarquias.



Chiusi, inv. 1831. No vaso, a ama é Antífata. Foto de ArchaiOptix, CC BY-SA 4.0.

Homero, Odisseia 19.386–475 e 23.177–206. Ricœur 2004, 115–119.

Telêmaco e a porta do depósito

O gesto	Telêmaco deixa aberta a porta do depósito de armas.
O efeito	Os adversários conseguem se armar.
A resposta	Ele admite o descuido e distingue sua participação da intenção de favorecer o inimigo.

Admitir a falha abre a possibilidade de responder por seus efeitos.

Homero, Odisseia 22.154–156. Williams 2008, cap. 3, p. 50.

Édipo revê o sentido do que fez

Da investigação em Tebas à defesa em Colono

Em Tebas

A investigação revela a filiação que Édipo desconhecia.

Em Colono

Ele contesta o juízo que lhe atribui pleno conhecimento de seus atos.



Fulchran Jean Harriet, Édipo em Colono (1798). Cleveland Museum of Art, inv. 2002.3.

Sófocles, Édipo em Colono 266–274; Édipo Rei 1329–1333. Ricœur 2004, 119–124.

Quem sofre também pode agir

« c’est le même homme souffrant qui se reconnaît agissant. »

“É o mesmo homem que sofre que se reconhece agindo.”

Ricœur 2004, 124. Tradução do francês para esta aula.

Aristóteles e o que depende de nós

01

Voluntário

O princípio do ato está no agente, que conhece suas circunstâncias relevantes.

02

Escolha · *prohaíresis*

O desejo se articula à deliberação sobre o que está ao nosso alcance.

03

Prudência · *phrónēsis*

O juízo prático discerne como agir bem nesta situação particular.

A escolha articula desejo e deliberação.

Aristóteles, Ética a Nicômaco III.1–3, 1109b30–1113a14; VI.5, 1140a24–b30. Ricœur 2004, 124–136.

Quatro maneiras de dizer “eu posso”

Dizer

Quem toma a palavra e a quem se dirige?

Fazer

Quem introduziu uma mudança no curso dos acontecimentos?

Narrar e narrar-se

Quem conta a história em que sua própria vida está implicada?

Responder por

A quem se atribui o ato? Que resposta cabe ao agente?

Um mesmo gesto pode mobilizar as quatro capacidades.

Ricœur 2004, 143–146, 146–150, 150–157, 157–163.

Leitura das páginas 139–143

pp. 139–140	O que uma pessoa afirma quando diz “eu posso”?
pp. 141–142	Por que a atestação passa pelo que fazemos e por como o fazemos?
pp. 142–143	Em que ponto o outro aparece no reconhecimento de si?

Como se passa da pergunta “quem?” às perguntas “o quê?” e “como”?

Ricœur 2004, 139–143. Trecho do segundo estudo de Parcours de la reconnaissance.

Memória e promessa orientam o si no tempo

Memória

Volto-me ao que aconteceu.

A testemunha pode corrigir o que recordo.

Promessa

Comprometo-me quanto ao que farei.

Quem ouviu minha promessa pode cobrar seu cumprimento.

Quem ouviu minha promessa também se lembra dela.

Ricœur 2004, 165–170, 187–197.

Que condições tornam uma capacidade efetiva?

Poder pessoal	A estudante sabe formular uma intervenção em público.
Direito	A assembleia permite que ela tome a palavra.
Possibilidade efetiva	Ela consegue chegar à reunião, participar e ser ouvida.

Uma possibilidade efetiva depende de condições de participação.

Ricœur 2004, 199–219, especialmente 208–219.

Do reconhecimento de si ao reconhecimento mútuo

Lutas por reconhecimento

Uma injustiça pode levar pessoas ou grupos a reivindicar direitos e estima.

Quem ainda não consegue participar?

Estados de paz

O dom e a gratidão permitem experimentar formas de reconhecimento efetivo.

Como o gesto de acolhimento reconhece alguém?

O reconhecimento entre pessoas envolve relações e instituições.

Ricœur 2004, 219–225, 319–325, 354–355.

Quem responde por uma autoria omitida?

Na montagem de uma exposição, a equipe deixa o nome da fotógrafa fora da legenda.

01 Quem preparou a legenda e quem aprovou sua publicação?

02 O que cada participante pode reconhecer diante da fotógrafa?

03 Como restituir à fotógrafa o crédito diante do público?

Exercício de discussão. Ricœur 2004, 157–163, 199–219, 273–296.

Textos para retomar o argumento

A leitura da turma	Paul Ricœur, *Parcours de la reconnaissance*. Paris, Stock, 2004, pp. 139–143.
A identidade pessoal	Paul Ricœur, *Soi-même comme un autre*. Paris, Seuil, 1990, estudos V–VI.
O agente nos gregos	Homero, *Odisseia* XIX, XXII e XXIII. Sófocles, *Édipo em Colono* 266–274. Aristóteles, *Ética a Nicômaco* III e VI.
Responsabilidade	Bernard Williams, *Shame and Necessity*, 2ª ed. Berkeley, University of California Press, 2008, cap. 3.

Referências completas e créditos das imagens no roteiro do seminário.

Fontes das imagens e da galeria

Retratos	Archives du Fonds Ricœur, programa do colóquio *Les mondes de Paul Ricœur, 1913–2013*, Institut catholique de Paris, 2013.
Esquifo de Chiusi	Museo Nazionale Etrusco, inv. 1831. Foto de ArchaiOptix, Wikimedia Commons, CC BY-SA 4.0.
Édipo em Colono	Fulchran Jean Harriet, 1798. Cleveland Museum of Art, inv. 2002.3. Reprodução CC0.
Obras em livro	Fonds Ricœur, bibliografias e coleções. Catálogos editoriais e bibliográficos. Proveniência individual das imagens no roteiro.

As imagens de capas identificam as obras. Em vários casos, a edição fotografada é posterior à primeira publicação.